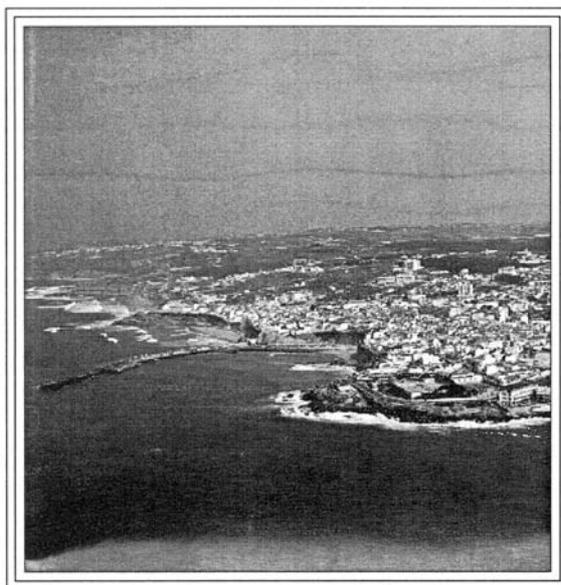


COLEÇÃO
TRAÇOS DA HISTÓRIA

HOMEM, TEMPO E AMBIENTE: A ERICEIRA EM FOCO

Actas
do III Curso de Verão da Ericeira



MAR de LETRAS
EDITORA

PATRIMÓNIO LITORAL NA ESTREMADURA

Ana Ramos Pereira*

1. O litoral da Estremadura

A Estremadura portuguesa constitui uma área do território continental marcada por contrastes na paisagem litoral.

As arribas, mais ou menos alterosas, interrompidas por estreitas praias de estuário dominam a paisagem. Os areais do Guincho (foto1) e do Arco Caparica – Espichel, em enseadas abrigadas da ondulação dominante, constituem a exceção.



Foto 1 – O litoral na Serra de Sintra e no Guincho. Foto de M. Neves.

A marca humana está sobretudo evidente nos trechos abrigados dos ventos frescos de norte, a costa do Estoril e/ou nas áreas com boas acessibilidades ao grande centro urbano, como sucede na parte norte da Península de Setúbal (foto2).

* Prof. Associada do Departamento de Geografia, F.L.U.L. e investigadora do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.



Foto 2 – O litoral no Arco Caparica – Espichel. Foto da AML.

A melhoria crescente das acessibilidades, o aumento da mobilidade, a relativa proximidade ao grande centro de emprego que é Lisboa, o gosto pelo litoral, o não cumprimento das leis, nomeadamente da Reserva Ecológica Nacional e do Domínio Público Hídrico, têm conduzido a uma ocupação existente e prevista nem sempre adequada do litoral da Estremadura. É neste quadro que surge a noção de património litoral, cujo conhecimento é fundamental para o bom uso e preservação desta área territorial de fronteira.

2. A noção de património litoral

O que é o património litoral?

Património é, por definição, um conjunto de bens que se herdaram de pais e avós. É uma herança, um legado. É algo que se recebe dos nossos antecessores, mas que se pode modificar, desbaratar ou, pelo contrário, multiplicar. Está, portanto, nas mãos de quem herda modifica-lo.

Vejamos como se pode aplicar ao litoral. O litoral é uma faixa de território, de largura variável, mas sempre ligado à presença do mar.

Associa-se quase sempre o litoral às terras sempre emersas, mas quando tratamos do litoral, para entender como ele evolui, temos muitas vezes que extravasar as terras sempre emersas. Qualquer frequentador atento do litoral, para não falar dos especialistas destas matérias ou daqueles que tiram o seu provento da actividade no mar, sabe que no Inverno, por exemplo, as praias

emagrecem, i.e., têm menos areia. Esta, em consequência do clima de agitação marítima, é removida pelo mar. Em condições naturais, não modificadas pelo homem, essa areia vai depositar-se na área sempre submersa próxima, criando o que é costume designar por coroa. Esta coroa, em geral depois das marés equinociais, começa a migrar para terra, vindo de novo “engordar” a praia (fig.1).

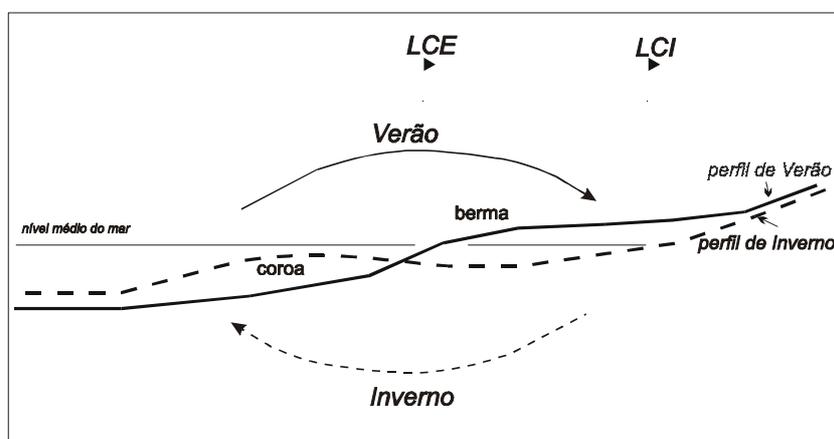


Figura 1 – Esquemática da dinâmica anual da praia. Extraído de Pereira (2001).

Não é, por isso de estranhar que, ao pretender entender-se a dinâmica duma praia, se deve ter em conta não apenas a área sempre emersa, mas também a área submersa adjacente, a denominada pré-praia.

As areias existentes nas praias, à nossa latitude, têm quatro proveniências: as aluviões dos cursos de água, a erosão das arribas, restos de esqueletos animais e conchas, e areias presentes na área submersa adjacente, a denominada plataforma continental (fig.2).

A análise das areias, a sua distribuição e dinâmica ao longo da linha de costa mostra que, no caso português, há uma relação estreita entre a abundância de sedimentos fluviais (as aluviões) e as praias. Aliás, em território de nacional só há areais extensos quando existem na proximidade grandes aparelhos fluviais, que drenam extensas áreas continentais donde vão erodindo sedimentos, que são depois carreados até à foz e o mar se encarrega de os distribuir. Há, portanto, uma relação estreita entre os areais e a foz dos grandes organismos fluviais. Por esse motivo, e salvo raras exceções, no litoral da Estremadura, bem como no do Alentejo e Algarve ocidental (na denominada Costa Vicentina), domina o litoral de arriba com estreitas praias.

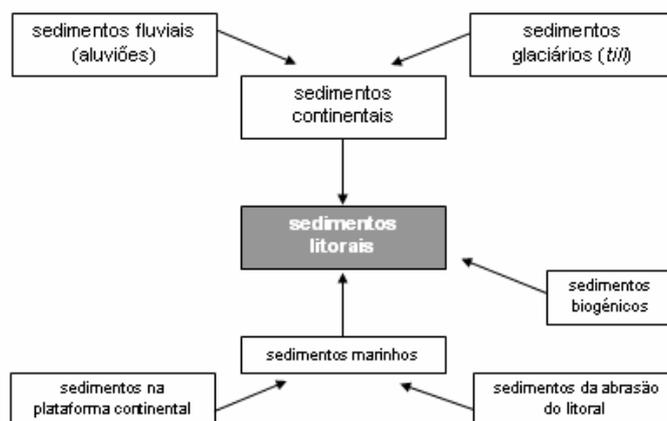


Figura 2 – As fontes dos sedimentos fluviais. Extraído de Pereira (2001).

Significa por isso que os sedimentos litorais não abundam, porque também nestes troços litorais não existem grandes organismos fluviais.

Há, ainda, outras razões para se considerar a área emersa adjacente como parte da faixa litoral. Com efeito, o nível do mar tem variado ao longo dos tempos e, por esse motivo, parte da área hoje submersa já esteve ao ar livre e foi utilizada pelos nossos antepassados. Sabe-se que, há cerca de 18 000 anos, o mar se encontrava a uma profundidade de cerca de 120m, o que implica que a linha de costa de então se situava cerca de 30km a 50km para ocidente da actual, no litoral da Estremadura, no denominado Esporão da Estremadura (a área hoje submersa adjacente à linha de costa actual designa-se por plataforma continental; Pereira, 1991). Nestas circunstâncias, a configuração da linha de costa, bem como a paisagem litoral seriam completamente diferentes: uma faixa de relevo monótono, coberto de películas de areia que o mar deixou antes de se retirar para -120m, de onde se elevavam raras colinas de rocha resistente e se encaixavam os poucos cursos de água estremenhos. Essa paisagem foi desaparecendo à medida que o mar ia subindo até alcançar a sua posição actual. Essa subida não foi contínua, nem se fez sempre ao mesmo ritmo (fig.3).

Essas paisagens hoje desaparecidas, testemunhos de condições climáticas distintas das actuais, deixaram vestígios, não só nas áreas hoje cobertas pelo mar, mas também junto à actual linha de costa. Esses vestígios, pelo interesse científico que revelam, permitindo reconstituir ambientes e paisagens hoje desaparecidas, devem ser considerados património.

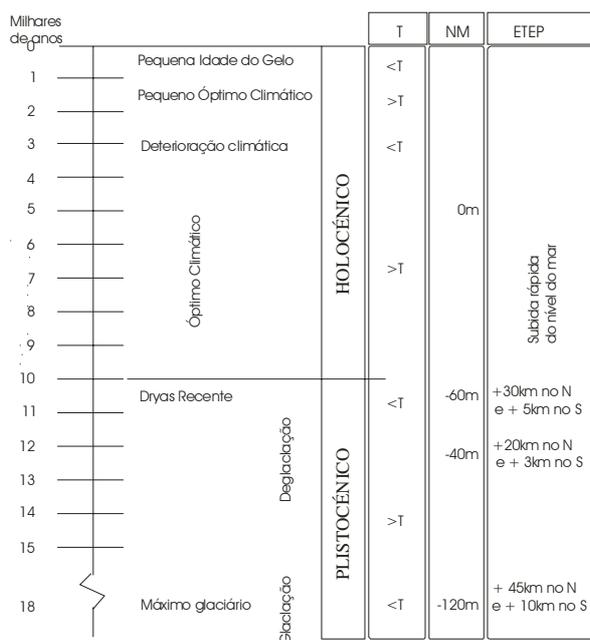


Figura 3 – Variações da temperatura (T), do nível do mar (NM) e da extensão da área emersa na actual plataforma continental (EETEP). Na figura, o N corresponde à plataforma continental minhota e o sul à plataforma continental alentejana. Extraído Pereira (2002).

Porquê a escolha da Estremadura para ilustrar o património litoral?

A escolha do litoral da Estremadura deve-se a duas razões fundamentais.

Primeiro porque tem um litoral marcado por grandes contrastes. Apesar de dominar o litoral agreste, de escarpados litorais, pontualmente interrompidos por pequenas praias de estuário, ou de reentrâncias pouco profundas da linha de costa (como é o caso da Ericeira), na Estremadura existem também extensões arenosas consideráveis, como no Guincho e no Arco Caparica – Espichel. A outra razão prende-se com a forte marca humana, cuja dimensão já a torna visível outra do espaço (fig.4), e que não parece deixar de crescer.



Figura 4 – A Estremadura vista do espaço. As tonalidades mais claras, em torno do estuário do Tejo, correspondem à aglomeração urbana da grande Lisboa.

3. Exemplo de património litoral na Estremadura

Seleccionou-se o exemplo de Magoito para ilustrar um dos tipos de património que existem no litoral estremenho.

Magoito é um pequeno núcleo urbano adjacente a uma praia com o mesmo nome. Exemplifica um litoral de arriba, interrompido por um pequena praia de estuário (estuário da Rio da Mata). A largura da praia diminui muito no Inverno e, antes da intervenção feita pela autarquia na década de 80, o mar mordida todos os Invernos ou nas marés equinociais o sopé da arriba (Pereira, 1987).

Desde a década de 40, que o investigador G. Zbyszewski (1940) tinha chamado a atenção para o interesse desta arriba. Qualquer observador pouco avisado constata que ela é constituída por uma rocha de cor diferente do resto das arribas da região. Uma observação mais atenta permite verificar que essa rocha é constituída por grãos de areia aglutinados por um cimento – um arenito. A pequena dimensão das areias desse arenito, bem como a forma como se dispõem – a estrutura das areias, permite afirmar que elas foram transportadas e aí depositadas por vento predominante do quadrante norte, especialmente de noroeste.

Hoje, a noroeste, existe uma arriba cortada em rocha carbonatada e mar. Donde partia então essa areia que se depositou, vindo a constituir a arriba norte da praia de Magoito? Só pode provir de noroeste, num altura em que o nível do mar se encontrava abaixo da posição actual, tendo deixado (a noroeste deste local) uma faixa emersa com areias que o vento mobilizou e depositou neste local. Refira-se que este local é uma vertente abrigada do vento, onde este depositou a carga arenosa que ele transportava.

A areia trazida pelo vento e depositada em Magoito era uma areia solta, constituída por grãos de quartzo e por fragmentos de conchas, como hoje encontramos nas areias de praia ou de duna. As águas das chuva que circulavam no seio dessas areias, promoveram a dissolução das abundantes conchas, enriqueceram-se em bicarbonato de cálcio (solúvel), e quando submetidas a aumentos de temperatura ambiente, por exemplo, essa água tornou-se hipersalina, precipitando o carbonato nos interstícios entre os grãos de areia. Ciclos continuados deste fenómeno permitiram a formação de um cimento (de natureza calcária) que veio a aglutinar as areias.

O arenito dunar cortado em arriba, no Magoito, testemunha uma paisagem litoral com o nível do mar mais baixo do que o actual, com uma faixa aplanada em frente da actual arriba, varrida por ventos predominantemente de noroeste e que ao encontrarem a vertente abrigada de Magoito depositavam a areia, formando um talude. Ao longo dos tempos essa areia foi consolidando, à medida que o nível do mar ia subindo. Quando este atingiu a posição actual ou próxima da actual, começou a erodir o talude eólico de Magoito, já consolidado,

originando a arriba actual ou pelo menos a que se podia observar nos anos 50 (foto3).

Mas a arriba de Magoito encerra ainda outros vestígios de grande interesse. O ataque do mar no Inverno permitiu pôr a descoberto, na década de 40, por baixo do arenito dunar, esbranquiçado, uma areia negra com muitas conchas, referenciada em Zbyszewski (1940) e Breuil e Zbyszewski (1942) como um horizonte arqueológico, mais concretamente um nível de kjoekkenmødding, com carvões e pedras partidas e com marcas de fogo.



Foto 3 – Arriba norte da praia de Magoito, talhada em arenito dunar, na década de 50. A seta indica a posição do horizonte arqueológico. Foto de Orlando Ribeiro.

Estes restos de cozinha deixados pelos nossos antepassados que se alimentavam de produtos do mar, ostras, mexilhões, berbigão, lapas e cracas, mostram que no momento de ocupação desta vertente abrigada, num momento em que o nível do mar estava mais baixo do que o actual, existia uma costa rochosa, onde se fixavam os mexilhões, as lapas e as cracas, mas também um estuário próximo, distinto do actual estuário do rio da Mata, que está assoreado, onde a água salobra permitia a vida animais da faixa entre marés (berbigão e ostras).

O abandono deste local ter-se-á devido a uma mudança ambiental, correlativa da subida do nível do mar, diminuição da faixa de recolção de alimentos e, sobretudo, pela intensificação dos ventos carregados de areia que fustigavam esta área e que começaram a cobrir os restos de fogueiras, até constituir o talude eólico a que se aludiu mais atrás.

Importa apenas referenciar, por último, quando ocorreram estas mudanças tão grandes nas paisagens litorais. O ataque sucessivo do mar, no final da década de 70 e princípio da seguinte, puseram de novo a descoberto o horizonte

arqueológico (fotos 4 e 5), na sequência de sucessivas intervenções da autarquia nesta arriba, no sentido de tentar estabilizá-la.

O corte posto a descoberto (foto5) mostrava diversas fogueiras, cujas pedras evidenciavam claras marcas de fogo, estando algumas delas estaladas, para além dos restos de conchas. O desenvolvimento das técnicas de datação, permitiram precisar que os carvões deste horizonte arqueológico tinham cerca de 9 000 anos (Pereira 1983), sendo por isso bastantes mais recente do que os pioneiros do seu estudo tinha sugerido.



Foto 4 – A arriba norte da praia de Magoito em 1986.

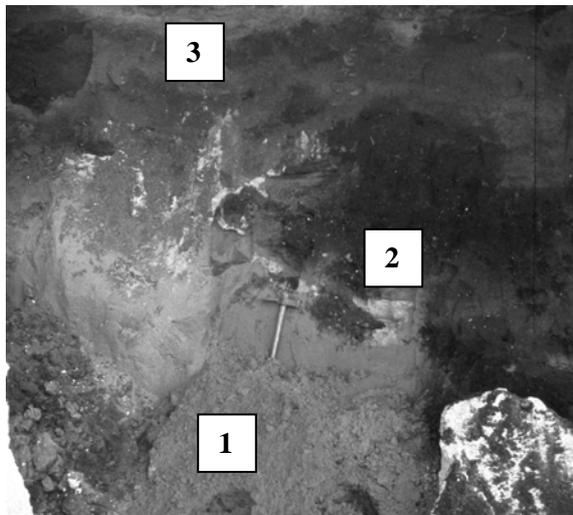


Foto 5 – O horizonte arqueológico de Magoito. 1 - areias ocre de uma antiga praia levantada; 2 - nível arqueológico (negro local de uma fogueira); 3 - arenito dunar que testemunha o antigo talude eólico.

O talude eólico que fossilizou estes restos de cozinha é posterior, do final do Plistocénico, início do Holocénico (fig.3), numa altura em que o nível do mar estaria ainda abaixo do actual.

Para concluir, resta salientar a riqueza patrimonial encerrada na arriba norte da praia de Magoito (existem outros vestígios no vale do rio da Mata, bem como na praia de S. Julião), cuja preservação se impõe.

Bibliografia citada

- Breuil, H. e Zbyszewski, G (1942) – *Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et leurs rapports avec la géologie du Quaternaire*. Com. Serv. Geol. Port., XXIII, vol.I, Lisboa.
- Pereira, A. Ramos (1983) – Enquadramento geomorfológico de um sítio datado por 14 C na praia de Magoito (concelho de Sintra, Portugal). *Actas da IV Reunion do Grupo Español de Trabajo del Cuaternario*, Galiza, p.551-553 (também incluído em *Aspectos da Evolução Geomorfológica Quaternária de Portugal*, Centro de Estudos Geográficos, L.A.G.F., 18, p.35-47)
- Pereira, A. Ramos (1987) – Aspectos do relevo de Portugal. Litoral entre a Serra de Sintra e a praia de S. Julião (Ericeira). *Finisterra*, XXII, 44 : 419-422.
- Pereira, A. Ramos (1991) – A margem continental portuguesa. Breve síntese do conhecimento actual. *Finisterra*, XXVI, 51 : 149-185.
- Pereira, A. Ramos (2001) – *O(s) Oceano(s) e as suas Margens*. Instituto de Inovação Educacional, Cadernos de Educação Ambiental, nº5, Lisboa.
- Pereira, A. Ramos (2002) – *Geografia Física e Ambiente*. Universidade Aberta (em impressão).
- Zbyszewski, G. (1940) – *Contribution à l'étude du littoral quaternaire du Portugal*. Publ. Mus. Lab. Min. Geol. Fac, Ciências do porto, XV.